

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE	-2. AGO. 1980	DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			



PSD desautoriza Freitas do Amaral

Numa atitude que destoa do reaccionarismo que vem caracterizando a política externa do actual Governo e o apoio que lhe tem sido dado pelas diversas forças apoiantes, o PSD deliberou dar cobertura plena aos entendimentos conseguidos recentemente por Luis Fontoura nas conversações com a Frente Polisário, que levaram à libertação dos quinze pescadores do «Rio Vouga».

Na sequência das pressões a que foi sujeito o enviado governamental, sucessivamente convidado a dar o dito por não dito e desmentido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Freitas do Amaral, o departamento de relações internacionais do PSD considerou que a intervenção do dirigente centrista é não só

incorrecta como inaceitável e deu carta branca a Fontoura para reafirmar a vontade do maior partido governamental no cumprimento das responsabilidades assumidas.

Na sua visita às áreas libertadas da República Árabe Sarauí Democrática, Luis Fontoura criticou duramente a invasão marroquina do território do ex-Sara Ocidental e fez diversas declarações de apoio à luta de libertação desenrolada pelos sarauís.

Durante as conversações travadas, na qualidade de representante do Governo português com o embaixador Omar Mansour, este na qualidade de representante do Governo da RASD, Luis Fontoura deixou abertas portas à cooperação em diversos campos ainda antes do

fim da guerra, perspectivando o fornecimento de ajudas com incidência no campo da alimentação e da medicina.

A única objecção levantada às pretensões dos dirigentes sarauís foi a de que Portugal não poderia reconhecer formalmente a República Árabe Sarauí Democrática, a fim de evitar um conflito de dimensões incalculáveis com Marrocos. De qualquer modo, explicou Freitas do Amaral, o único representante do povo sarauí, tal como fora, aliás, feito já por uma missão das Nações Unidas, que se deslocou ao território nos últimos tempos, da administração espanhola e concluiu integrar a FP na generalidade das correntes políticas existentes no território.

Na comunicação que fez em 24 de Julho, o ministro Freitas do Amaral colocou Luis Fontoura no papel de mentiroso matreiro que conseguira enganar os sarauís para lhes retirar os pescadores, o que foi considerado por este como um insulto pessoal e como uma manifestação de falta de dignidade do Estado.

A comunicação de Freitas do Amaral teve como circunstâncias as chancelarias ocidentais que, directa ou indirectamente, pediram esclarecimentos que não foram dados. Aliás, o próprio Luis Fontoura terá tentado encontrar-se com Freitas do Amaral, não o conseguindo, devido aos «muitos afazeres» do ministro.

É na sequência disto que se

reúne o departamento de relações internacionais do PSD, presidido por Francisco Pinto Balsemão, e decide dar inteira cobertura à política enunciada por Luis Fontoura junto dos sarauís, que é manifestamente contraditória da do Ministério dos Negócios Estrangeiros e constitui a desautorização desta por parte do PSD.

Para reforçar esta divergência, prevê-se já uma visita de Carlos Macedo às áreas libertadas da RASD no próximo mês de Outubro, com vista ao desenvolvimento de relações do PSD com a Frente Polisário.

Entretanto, realizar-se-á na próxima terça-feira um almoço de homenagem a Luis Fontoura, para o qual não foi convidado, ao que soubemos, o prof. Freitas do Amaral.

Coronel colonial discursa bafio no juramento da Polícia do Exército

Os militares continuam a ingerir de forma lamentável na política e a ofender da maneira mais descarada os próprios princípios constitucionais, incitando implicitamente à insurreição contra o regime democrático.

Isso mesmo aconteceu anteontem, em Portalegre, num juramento de bandeira do Centro de Instrução de Polícia do Exército, presidido pelo vice-chefe do EME, general Duarte Silva, em que usou da palavra o respectivo comandante, um «militar patriota» na classificação do jornal conservador «O Dia», que dá pelo nome de Nuno Bivar e tem patente de coronel.

Na mensagem dirigida aos novos soldados, Nuno Bivar criticou a política de descolonização que foi uma das razões de ser do 25 de Abril, insultando os seus obreiros com a classificação de «vendilhões de pátrias» e o juízo de que «mutilaram precipitadamente Portugal».

No seu discurso político, inaceitável para um militar que melhor curaria se tratasse das suas funções, o coronel Bivar foi ao ponto de se declarar quase envergonhado do País que lhe paga e que deveria servir sem ingerência.

«Nação poderosa e respeitada

no Mundo, com uma dimensão territorial onde o Sol nunca se punha, dos mares que heroicamente desbravamos dando novos mundos ao Mundo está hoje triste e pobremente minguada, cortada que foi a esperança de novos Brasis».

Isto porque «alguns vendilhões de pátrias, a soldo de ideologias que nunca foram da maioria do nosso povo, cometeram erros que a História um dia julgará com frieza porque mutilaram precipitadamente Portugal».

Sendo certo que os militares são obrigados a acatar os princípios constitucionais — e entre eles o que estabelece uma política anticolonialista do Estado Português — temos que este

discurso contém um ilícito de fundo. Mas mais grave que essa extrapolação é o facto de haver um chefe militar que se coloque publicamente, face aos seus soldados, numa posição de crítico dos que em Portugal apoiaram a descolonização e o fim das guerras coloniais, que são a larga maioria do povo e das forças políticas com representatividade nacional.

Para além de o discurso constituir uma intervenção política vexatória para todos os democratas e, sobretudo, para aqueles que o coronel classifica de «vendilhões de pátrias», é, pela qualidade do orador, uma ameaça intolerável.

Todos sabemos que o fim das guerras coloniais foi um duro

golpe para muitos militares que ali faziam a sua vida e fortuna no aconchego dos gabinetes. Admitimos mesmo que o sr. coronel Bivar esteja frustrado por ter acabado a mina. Mas, adeptos que somos da efectivação da vontade da maioria, não podemos deixar de lhe recordar que o fim das suas guerras foi um alívio para todas as famílias portuguesas que ali perdiam, sem honra, interesse ou glória, a vida ou a saúde.

É que ninguém gostará que gente do seu quilate continue a tratar-lhes os filhos como carne para canhão que já não são, graças ao 25 de Abril.